

O CANAL SAÚDE NA COBERTURA DE EPIDEMIAS

*TRANSCRIÇÃO DA PALESTRA 

Márcia Corrêa e Castro

O Canal Saúde é uma WebTV com uma variada programação, que inclui produções audiovisuais sobre saúde pública. São 17h diárias de conteúdos entre produções próprias da Fiocruz e vídeos de parceiros que compõe a sua programação. Ela pode ser assistida também por antena parabólica com recepção digital que é comum e tem garantido uma audiência significativa principalmente nas cidades de interior, em periferias ainda hoje. Desde fevereiro de 2016 está também na TV aberta na multiprogramação da TV Brasil, mas em três praças apenas, na grande São Paulo, no Rio de Janeiro e no Distrito Federal.

A proposta é fazer um canal do Sistema Único de Saúde e não um canal de TV institucional da Fiocruz, embora realmente a instituição assuma e tome para si a responsabilidade de comunicar a sociedade. O que a Fiocruz faz e se propõe a ir além disso, ser um canal de comunicação do Sistema Único de Saúde (SUS).

A programação é veiculada também

no site do Canal Saúde (www.canalsaude.fiocruz.br), em que é possível assistir na Internet simultaneamente e aproveitar a mesma programação que está passando na TV. No site, é possível também acessar os conteúdos e escolher o que quer assistir. Em breve lançaremos um aplicativo do Canal Saúde.

O canal possui nove programas fixos, com perfis diversos e que atingem públicos diversos. São programas muito voltados para gestores e militantes da saúde pública, como por exemplo a Sala de Convidados, o Bate-Papo na Saúde e outros.

Tem programas com foco nos mais jovens, para a população geral, e assim, tem mais de uma linguagem, da popular à mais científica como Ligado em Saúde e Comunidade em Cena. O programa Canal Saúde na Estrada, viaja pelo Brasil mostrando experiências variadas do SUS. Já o Em família é um programa de comportamento; Ciência e Letras é um programa de ciência, tecnologia, cultura e saúde, que é feito com a

Editora Fiocruz; o nosso premiado curta AgroEcologia que são também mini documentários com bastante experiência de promoção de saúde no ambiente rural.

O Canal Saúde já realizou algumas pesquisas de recepção, em 1996, 2001, 2004, 2007, 2013 e a mais recente foi em 2015. Em todas as pesquisas foram utilizadas metodologias diferentes e os números pouco variam. Mais ou menos 73% das pessoas que assistem o Canal Saúde são profissionais da área, militantes do SUS, agentes comunitários de saúde, estudantes do campo de saúde e de pós-graduação, enfim, pessoas que por algum motivo têm envolvimento com o campo da saúde. A grande maioria do público do Canal Saúde o assiste em horário comercial e estão em idade economicamente ativa. É um público que acessa o Canal em busca de conteúdo para subsidiar sua ação social, ação política, ou seja, um público específico.

A equipe de profissionais do Canal não é composta por sanitaristas, são jornalistas com várias atuações, uma equipe multidisciplinar. O Canal Saúde foi se tornando o que ele é, porque foi tentando responder ao mesmo tempo a demanda que efetivamente chegava e a equipe foi aprendendo a dialogar com esse público específico.

O Canal vive uma realidade muito específica e distinta da grande mídia. Nós somos, hoje, um canal de TV segmentado, no que diz respeito ao tema que ele aborda e ao público. Temos algumas restrições diferentes de uma mídia generalista, de uma mídia que vai ter por objetivo de um

público, mais amplo possível. Caminhamos na direção para produzir uma comunicação pública de interesse público, onde algumas coisas são prioritárias, em função de um alcance quantitativo.

Quando estamos falando da mídia no Brasil, que é uma grande mídia, essencialmente capturada pela iniciativa privada, falamos de uma mídia que persegue antes de qualquer coisa, a audiência. E é o que influencia a maneira como a empresa trata os temas.

Só entre dezembro de 2016 e o final de fevereiro de 2017, foram produzidos 25 produtos distintos, 25 programas da nossa grade própria, voltado a diferentes públicos. Sem contar reportagens jornalísticas com abordagens diferentes e voltados especificamente para temas, como por exemplo, relacionados às arboviroses. Uma característica da nossa programação é a discussão sobre imprensa, mídia e Saúde Pública, sem complicar os temas ou torná-los incompreensíveis.

A epidemia da febre amarela em 2008 teve 46 casos notificados concentrados no centro-oeste e caiu na mídia, virando uma epidemia nacional. Acabaram com o estoque de vacinas, foi uma epidemia da mídia. Comparando com a cobertura que tivemos no último verão, a nossa imprensa melhorou. Agora de fato, embora eu já veja melhorias, levantar o tema para a imprensa sobre a questão do saneamento básico, termina no discurso da mídia não muito articulada. Não fica claro para população a relação direta que existe, por exemplo, entre ausência de saneamento

e ampliação das arboviroses, entre o desmatamento e a emergência da febre amarela. Embora essas informações sejam dispersadas pela mídia, pela imprensa eu não sei se isso fica claro.

O Canal Saúde fez alguns programas sobre zika vírus, gravidez, síndrome de Guillain-Barré, mas também fizemos um programa para debater as relações entre doenças e crimes ambientais. Como o que aconteceu em Mariana (Minas Gerais) e a reemergência de doenças como a febre amarela. Discutimos, por exemplo, relações de gênero e a relação com zika. A questão das mulheres que eram abandonadas pelos maridos quando descobriam que teriam um bebê com microcefalia ficou um pouco inviabilizada na mídia.

Além de descomplicar as questões, tentamos também contemplar as abordagens individuais e coletivas, a perspectiva do indivíduo e a perspectiva coletiva. É claro que não vamos dizer por aí que ninguém mais tem que botar areia no pratinho para acabar com o *Aedes aegypti*, isso é uma questão individual, mas realmente só isso não é o suficiente. Se fosse suficiente, não estaríamos há 30 anos falando para as pessoas botarem areia no pratinho, pedindo para tirarem água do pneu, colocar as garrafas para baixo, entre outras ações. Há 30 anos!

Precisamos levar em consideração diversos aspectos. Quando analisamos, por exemplo, os mapas, a localização territorial da incidência de algumas doenças no Brasil se sobrepõem, como a epidemia de

dengue de 30 anos atrás comparada com a zika. São os mesmos lugares, onde há uma população empobrecida e desassistida.

Então, é preciso pensar que a questão das arboviroses não são simplesmente individuais, como fizeram a população acreditar por muito tempo que os principais focos do *Aedes aegypti* estão nas residências, nos domicílios. Ouve-se isso à exaustão, e o que adianta? Imagina a pessoa que mora do lado de um vazador de lixo como destino, do que adianta ele despejar água dos pneus, se do lado da casa dele tem uns 300 pneus enchendo d'água? Então, se existe uma questão que é individual, existe também uma questão coletiva que tem que ser contemplada e discutida pela complexidade que isso exige, mesmo que o jornalista não consiga na matéria ou no programa apresentar uma resposta.

O alcance das informações também precisa ser levado em conta e passa também pela dificuldade que temos de disseminar as informações que produzimos. Não alcançamos a população de uma maneira satisfatória. Apesar de o Canal Saúde existir há 23 anos, eu não consigo entender o motivo de nunca ter um interesse de levar essa programação para a TV aberta. Por que não existe esse esforço ou política de informações?

Enquanto não conseguirmos colocar na nossa pauta as discussões das políticas de comunicação no Brasil, vamos ficar sempre procurando as frestas para passar a informação do jeito que achamos que tem que passar. Vamos usar as redes sociais e fazer os veículos alternativos! De

qualquer forma, apesar de termos uma abordagem muito sofisticada e muito espaço para falar de sistemas, porque somos uma TV segmentada, nós não somos generalistas e não está no nosso espectro de interesse. Por exemplo, um veículo comercial vai falar desde o casamento dos atores da novela até zika vírus. O nosso programa é mais restrito, então não conseguimos aprofundar.

Existe uma diferença de base entre o trabalho do pesquisador e o trabalho do jornalista, e na hora que o pesquisador se coloca no lugar de um jornalista que precisa traduzir o conhecimento científico, se coloca para o jornalista em última análi-

se. O que importa é o produto, é o sumo da coisa. Para pesquisar que o processo é imprescindível, não dá para te explicar qual é o produto se eu não conseguir entender e traduzir para você todo processo. E o jornalista não consegue, não tem espaço, não tem tempo, não tem condições de destrinchar certos conteúdos, não tem poder do processo para chegar no produto ideal. Sendo assim, precisamos aprender a caminhar até o meio e conseguir trazer os pesquisadores até o meio, para conseguir produzir uma informação de qualidade. O Canal Saúde consegue produzir uma informação que os pesquisadores endossam e que acreditamos fazer chegar nas pessoas.



Link Youtube:

<https://goo.gl/LWstuY>